

## A “MACHO E FÊMEA” E A FAMÍLIA: LUZIA-HOMEM E O SERTÃO CEARENSE

*O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.*

*A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.*

*É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou*

**NILSON ALMINO DE FREITAS\***

### RESUMO

Este trabalho é resultado de um exercício de *ficção sociológica* que analisa a obra literária do romancista brasileiro Domingos Olímpio, intitulada *Luzia-homem*, como fonte para entender questões relativas à forma peculiar como *sertanejos* migrantes que chegam à cidade cearense de Sobral, no final do século XIX, utilizam marcadores morais como *honra, proteção, fama*, como recurso de reconhecimento social. O texto analisa todos esses marcadores morais pautados na referência familiar e a forma como o poder público trata das relações neles baseadas, além de analisar as diferenças sociais do reconhecimento de base familiar no caso do homem e da mulher.

### ABSTRACT

This paper is a result of a exercise in *sociological fiction* which intends to analyze a novel by Domingos Olímpio (a Brazilian novelist), whose title is *Luzia-homem*, as a source to understand issues relating to the peculiar way how migrants from the arid backlands (*sertanejos*) who arrive to the city in the state of Ceará named Sobral, in the end of the XIX century, use moral markers such as *honor, protection, fame*, as a social resource for social recognition. This article intends to analyze all these moral markers connected to the family and the way public power handles relations based on them, besides analyzing the differences of social recognition based on family ties for the women and for men.

\* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral/CE – Brasil.

*travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.*

Euclides da Cunha  
– Os Sertões

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta descrição das características do sertanejo, na epígrafe, rica em detalhes dignos de epopéia e, sobretudo, com tons trágicos, realizada por Euclides da Cunha, em 1902, tornou-se clássica na literatura brasileira. Esta imagem foi incorporada como forma recorrente de ver o homem do sertão por alguns dos que moram nas grandes cidades. É comum, ainda nos dias de hoje, deparar-se com depoimentos que versam neste sentido.

No texto de Euclides da Cunha, o sertanejo, cerne da *verdadeira gente brasileira*, como lembra Sílvia Romero (ROMERO *apud* OLIVEIRA, 2002), tornou-se quase um ser fantástico, uma conformação corporal e social extravagante, espantosa; uma figura colossal e estupenda que oscila entre a miséria esquá-

lida e o grande herói, ou entre o bárbaro e a inclinação temperamental e corporal robusta. Nas palavras do autor, o sertanejo é um indivíduo que causa pasmo, assombro, mas com uma conduta contrária às leis da árida natureza do sertão. É *um forte*, uma aberração de coragem por viver naquela terra, naquelas condições. Talvez, se possa considerar que Euclides da Cunha pensasse mais além. De uma forma um tanto evolucionista e pautado em uma teoria darwinista da cultura, pensava que o sertanejo, *cerne da nacionalidade*, estava em inexorável extinção diante do que ele chama de *exigências crescentes da civilização*. Para Euclides, a força motriz da história substituiria as raças fracas pelas fortes. Segundo ele, o sertanejo, assim como o *jagunço*, o *caipira* e o *tabaréu ingênuo* são os *retardatários de hoje*, e sumirão nos caminhos da história do *amanhã*.

Outras obras da literatura, especialmente os romances de sua época, não trabalham com imagens muito diferentes desta perspectiva. Tais imagens aparecem mesmo em romances nos quais as narrativas falam de cidades do interior, sustentadas economicamente pela pecuária, mas que já viveram, de certa forma, momentos de prosperidade econômica, ou seja, em um contexto diferente da *miséria* econômica de Canudos. A imagem do sertanejo reconstituída por Euclides da Cunha prevalece em alguns romances. *A miséria de Canudos*, vista com um olhar trágico e dramático, volta a aparecer, mesmo no contexto de opulência.

Um exemplo disso é o *Luzia-homem*, de Domingos Olímpio. Neste romance de 1903, o autor conta a saga de uma jovem mulher sertaneja e retirante que chega a uma cidade com mais recursos motivada a ganhar a vida trabalhando, buscando alternativas às mazelas causadas pela seca. A cidade que serve como cenário é Sobral, localizada hoje a 225 km da capital cearense, Fortaleza. A história contada pelo autor se passa no tempo de uma grande seca do final do século XIX, ocasião em que o governo instala as Comissões de Socorro para atenderem a uma grande demanda de migrantes que chegam à cidade.

Sobral é descrita pelo autor como, “[...] formosa cidade intelectual, a casaria branca alinhada em ruas extensas e largas, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos, rebrilhando em esplendores

abrasados [...]” (OLÍMPIO, 1983: 1). Ou ainda, em outro trecho, “[...] cidade intelectual, rica e populosa, empório do comércio do norte da província, na qual o Governo estabelecera opulentos celeiros” (OLÍMPIO, 1983: 116).

Segundo a mensagem do autor, para os retirantes, “A salvação estava em Sobral, na cidade formosa e opulenta, o oásis hospitaleiro anelado pelas caravanas de pegureiros esqueléticos” (OLÍMPIO, 1983: 116).

No romance, a *esquálida* leva de migrantes chega à opulenta cidade. Entretanto, o que mais chama a atenção em sua narrativa é a concepção peculiar de sertanejo; são as relações diversificadas entre as mulheres e seus familiares, e a relação entre os diversos agentes, calcadas em uma base familiar com o poder público,<sup>1</sup> o que remete a uma outra imagem recorrente na literatura brasileira, bem posterior à da época da publicação deste livro; imagem esta consolidada por Gilberto Freyre, segundo a qual, a dimensão pública da sociedade, muitas vezes, parece misturar-se às dinâmicas da vida privada, construindo socialmente uma conformação de relações hierárquicas que variam de forma, dependendo do contexto temporal e espacial. Logicamente, por ser anterior, esta idéia serviu como fonte a Freyre, que a trabalhou de uma forma peculiar, bem distinta e contrária a um evolucionismo que tendia a conceber a realidade social como etapas, na qual o ápice seria a *civilização* como pensava, por exemplo, Euclides da Cunha.

Antes de iniciar, propriamente, a análise de *Luzia-homem*, vale a pena fazer algumas breves observações sobre as peculiaridades desta obra literária; isto para se entender melhor a importância desta literatura, através da compreensão de uma antropologia da realidade social da região polarizada pela cidade de Sobral, pensando o cotidiano e as relações interpessoais e institucionais no final do século XIX.

Em primeiro lugar, resalto que a proposta, aqui, é a de um exercício de *ficção sociológica* e não a de uma crítica literária; ou seja, o texto que ora apresento é fruto da arte de imaginar a obra literária como um relato descritivo, criado pelo autor do romance, de acontecimentos não ponderados enquanto fontes de pesquisa, mas que são aqui analisados enquanto tal. Dessa forma, é um exercício que serve para pensar concepções de uma época refletidas no texto literário

que imagina relações sociais não tematizadas antropologicamente, mas, significativas de um tempo e de um espaço sociais. E é neste sentido que a análise pretende caminhar. Por isso, é importante conhecermos um pouco da obra para estudarmos a *realidade* que o romance quer passar, pensando, prioritariamente, o uso de localizadores morais calcados na conceptualização de família e os agenciamentos cotidianos acionados pelos distintos personagens, a fim de compormos um mapa social peculiar da região analisada.

### **LUZIA-HOMEM: A OBRA**

O cenário do romance é a cidade em que o autor viveu.<sup>2</sup> A trama social nele exposta tende a ser descrita como a mais próxima da denúncia de uma realidade que incomoda. Portanto, apesar de ter personagens fictícios, *Luzia-homem* tem um tom de denúncia social de uma realidade que pretende ser não-fictícia, enfatizando sempre o caráter dos personagens e deixando como acessório o sentimento. Não há um início, um desenvolvimento linear, com curvas e atalhos, e um final feliz de forma explícita, mas sim uma trama que, apesar de parecer estar se resolvendo e caminhando para um final feliz, volta-se contra si mesma e desficha de forma a fazer o leitor chocar-se e revoltar-se com os motivos do fim inesperado. É uma narrativa que mostra um feixe de relações extremamente rico para um antropólogo atento analisar. O cenário não é tão monótono e homogêneo como é apresentado o sertão euclidiano. É uma cidade, social, econômica e culturalmente heterogênea, considerada pelo autor como rica e próspera e que recebe uma grande leva de migrantes.

Na narrativa do livro, Luzia é uma retirante que chega a Sobral, por volta de 1878, junto com sua mãe doente, sendo esta o único ente que lhe resta de sua família nuclear. Ao chegar à cidade, arranjou morada com o Capitão Francisco Marçal. O Capitão era um homem rico e muito procurado por diversas famílias que vinham para o local em busca da sua *proteção* e, costumeiramente, tomavam-no como padrinho de suas crianças. O Capitão ajustara com o vigário uma quantia certa, anual, pelos batizados.

O emprego de Luzia lhe foi concedido como mérito de um salvamento. Ela passou a trabalhar na construção da cadeia pública de Sobral, obra

subsidiada pela Comissão de Socorros que pagava boa parte do trabalho com víveres alimentícios.<sup>3</sup> Alexandre, que a vira salvar Raulino da fúria de um boi bravo diante de seus pretensos domadores, foi o responsável pelo emprego de Luzia; foi ele quem falou com o capitão Braga, administrador da Comissão, que prestou o *favor*, como uma forma de compensar o feito de Luzia.

A narrativa começa mostrando o “lado homem” daquela mulher. O depoimento do melancólico francês Paul, fabricante de sinete, é tomado como testemunho exemplar sobre ela. Ele costumava fazer anotações a respeito da vida na localidade e, visitando a obra da cadeia pública, escreveu, espantado, no seu caderno: “passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça”. Era Luzia, conduzindo para a obra 50 tijolos arrumados em uma armação de madeira. As proezas de Luzia causavam inveja a qualquer homem robusto. Ela era alvo de comentários inúmeros de homens e de mulheres. Como a descreve o próprio autor,

*Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher, que tanto impressionara o francês Paul, encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas curelas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticuloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva, a evolvar em nuvens espessas do solo adusto, donde ao tênue borrifo de chuvas fecundantes, surgiam, por encanto, alfombras de relva virente e flores odorosas. Pouco expansiva, sempre em tímido recato, vivia só, afastada dos grupos de consortes de infortúnio, e quase não conversava com as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalterável calma, a sua tarefa diária, que excedia à vulgar, para fazer jus à dobrada razão (OLÍMPIO, 1983: 4).*

A personalidade de Luzia chamava a atenção das pessoas de tal forma que se tornou objeto de desejo de Crapiúna, soldado mulato mal-afamado entre os homens e sedutor de mulheres. O recato de Luzia não permitiu a aproximação do soldado, o que fez aumentar, ainda mais, a paixão daquele homem envolvido em uma série de histórias de bravura e aventuras galantes; histórias que o deixavam cheio de vítimas e de desafetos.

Uma série de personagens compõe a narrativa. É exacerbado na história de *Luzia-homem* o sofrimento do homem sertanejo que luta pela sobrevivência. As famílias de retirantes que chegam a Sobral aparecem como *restos* ou *retalhos* desfigurados de gente, com os quais o autor se identifica no sofrimento e na alegria. Talvez, mais no sofrimento do que na alegria. Na obra literária, o tom de denúncia é constante. Neste aspecto, a imagem que o romance passa do sertanejo não é muito diferente da imagem euclidiana, fazendo-se a ressalva de que, no caso da obra *Luzia-homem*, a cidade, os costumes refinados de uma elite e o modo de vida requintado são misturados ao *atraso* e à miséria, geralmente associados ao estilo de vida do sertanejo.

Porém, o sertanejo e sua família, independente do contexto de opulência vivido na cidade, não diferem muito das imagens fortes criadas pelo texto de Euclides da Cunha. Domingos Olímpio descreve as famílias que chegam à cidade como

[...] *infelizes criaturas, açoitadas pelo flagelo da seca, a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto. Vinham de longe aqueles magotes heróicos, atravessando montanhas e planícies, por estradas ásperas, quase nus, nutridos de cardos, raízes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sede, a pele curtida pelo implacável sol incandescente* (OLÍMPIO, 1983: 2).

Os efeitos que esta multidão de retirantes causa na *cidade intelectual* são ressaltados pelo autor da seguinte forma:

*A população da cidade triplicava com a extraordinária afluência de retirantes. Casas de taipa, palhoças, latadas, ranchos e abarracamentos do subúrbio estavam repletos a transbordarem. Mesmo sob os tamarineiros das praças se aboletavam famílias no extremo passo da miséria – resíduos da torrente humana que dia e noite atravessava a rua da Vitória, onde entroncavam os caminhos e a estrada real, traçado ao lado esquerdo do rio Acaraú, até ao mar. Eram pedaços da multidão, varrida dos lares pelo flagelo, encalhando no lento percurso da tétrica viagem através do sertão tostado, como terra de maldição ferida pela ira de Deus; esqueléticas criaturas de aspecto horripilante, esqueletos automáticos dentro de fantásticos trajes, rendilhados de trapos sórdidos, de uma sujidade nauseante, empapados de sangue purulento das úlceras, que lhes carcomiam a pele, até descobrirem os ossos, nas articulações deformadas* (OLÍMPIO, 1983: 7).

A obra nos leva a entender que muitas dessas famílias que viajavam pelo *sertão tostado* até a cidade, em busca de auxílio, não eram pobres em suas localidades de origem. A família de Terezinha, amiga de Luzia e que ajuda a *mulher-homem* em suas desventuras na cidade de Sobral, é exemplar para mostrar os problemas decorrentes do empobrecimento dos fazendeiros de gado da região. Ela, até determinado momento da narrativa, não tinha mais contato com a família. Havia fugido com Cazuza, seu grande amor proibido, que logo depois de longo vagar pelo sertão morreu de *bexiga*.<sup>4</sup> Quando fugiu, sua família ainda tinha como se sustentar bem.

Já morando em Sobral, quase no final da história, ela subia por acaso uma ladeira e lá encontra uma família (um homem, uma mulher mais velha e uma jovem adolescente) que obstruía a passagem, tangendo um burro que mal agüentava se sustentar nas próprias pernas. Era sua família, liderada pelo

rancoroso capitão Marcos, que chegava a Sobral em busca das riquezas propaladas que a cidade poderia oferecer. Segundo o autor,

*Não era raro aparecerem, entre os retirantes, famílias abastadas que haviam abandonado os lares, levando dinheiro e jóias sem valor por não terem o que comprar, mesmo a preços exorbitantes. Marcos, depois de inútil resistência, viu-se nessa triste situação. De esperança em esperança de mudança de tempo, vira os gados morrerem nos campos devastados; consumira, com parcimônia cautelosa, as provisões acumuladas, os surrões de farinha de mandioca, os paióis de milho, arroz em casca e feijão; as matalotagens em salmoura ou empilhadas se esgotaram por encanto, porque não tivera coragem de recusar esmola aos famintos que passavam pela sua fazenda. Os vaqueiros, agregados e pessoal de fábrica, empregados na labutação de criadores e agricultores, na maioria escravos velhos e crias de casa, não tinham que fazer; eram bocas inúteis. Alforriou-os, deu-lhes liberdade para ganharem a vida (OLÍMPIO, 1983: 115).*

O capitão Marcos nutria pela filha um sentimento de raiva por causa da sua fuga de casa, sempre tentando dar a entender que a carestia que passaram a enfrentar fora motivada, dentre outras coisas, pela maneira de agir da *ingrata*. Na interpretação do pai, a *reputação* da família tinha sido maculada. O culto incondicional à *honra* e à *integridade* da família não podia ser manchado, segundo o *pater-família*, que tomava o ato de Terezinha como uma abjeção extrema. A filha tornou-se a mais horrenda pecadora em função da afronta, o que impossibilitava o seu perdão, apesar das súplicas, a favor de Terezinha, por parte da mãe e da irmã. A imputação de *pecadora* passa a ser um sentimento da própria Terezinha, corroendo sua *alma*; e ela tenta mostrar-se arrependida e toma-se

de remorso pela não-concessão do perdão por parte do pai. Os *martírios* de sua experiência de vida, logo após a saída da casa da família, são tidos, por ela, como conseqüência de seu *pecado*.

Após a morte de Cazuza, nunca mais se apaixonara, apesar de ter vivido outros relacionamentos, dentre os quais a obra destaca o infortúnio da ligação afetiva de Terezinha com Bartolomeu, conhecido como Berto. Extremamente ciumento, nos momentos de acesso, Berto chegava a espancar Terezinha. O fato é que, em um determinado dia, *arranchou-se* na casa de Berto e Terezinha, Bentinho, um rapaz de família rica da região. Ele olhava insistentemente para ela, que lhe abriu um sorriso de cumplicidade no jogo de sedução com Bentinho. Berto, logo após a saída do visitante, em um acesso de ciúmes, disse uma porção de desaforos para Terezinha, agarrou-a pelos cabelos e lhe deu vários tabefes. No dia seguinte, chegou a pedir desculpas, justificando o ocorrido motivado por seu incontrolável ciúme.

Passados alguns dias do incidente, Bentinho volta à casa dela, sabendo que Berto viajara. Foi quando ela soube que era capitão e pertencia a uma família muito rica. Fugiu com ele, ficando escondida na casa de uma senhora perto de onde morava o pai dele. Aceitava viver daquela forma, pois devido à sua *infeliz* idéia de fugir de casa, não via outra maneira de sobreviver, já que não tinha ninguém para *protegê-la*.

Um conflito entre os *cangaceiros* de Berto e os da família de Bentinho aconteceu no povoado, nos arredores da fazenda. Berto tinha vindo para *ajustar as contas*. Bentinho chegou à casa da velha que hospedava Terezinha com um talho de navalha na mão esquerda, estendendo-se ao meio do braço. Contou detalhadamente o que ocorrera. Berto saiu muito ferido, senão morto, arqueado para trás em seu cavalo que disparara. O coronel Manuel Fernandes, pai de Bentinho, por ser muito influente na região, conseguiu que o filho respondesse ao processo quando quisesse e como quisesse, somente por formalidade. Mas o capitão nunca foi preso.

Depois desse episódio, Terezinha fica triste, amargurada, pensando em Cazuza e em Berto. Bentinho acaba abandonando-a e casando-se com uma prima rica. Ela fica na casa da *velha* que a tratava bem enquanto era *rica*, por causa de Bentinho, e que passa

a ser a sua *asa-negra* depois do episódio do conflito. Quando a velha morre com *nó na tripa*, Terezinha fica na dúvida se volta para casa, apesar de saber que seu pai não iria aceitá-la. A sua opção é continuar a peregrinar. Como diz o autor,

*Ela, com efeito, peregrinara pelo vasto sertão, de miséria em miséria, rastolhando, perdida como um pedaço de pau arrastado pela correnteza do rio, caindo nas cachoeiras, mergulhando nos rebojos, surgindo adiante, para bater de novo sobre pedras, tornando a ser arrebatado, até que, ao baixar das águas, pára, coberto de pau e ervas secas, garranchos e flores, que transportou de longe, esperando a enchente na próxima estação, e continuando a trágica jornada, até apodrecer em ribas desoladas, ou perder-se na imensidade do oceano* (OLÍMPIO, 1983: 55).

O autor ainda complementa: “É essa a história da peregrinação mundana das desgraçadas, que se desterram no seio amigo da família, quebrando o suporte dos afetos puros, e vagando sem rumo, na ebriedade de gozos efêmeros, à mercê da fatalidade intangível e cega” (OLÍMPIO, 1983: 55).

A idéia que a obra passa é a de que Terezinha tinha Luzia e sua mãe como saída para as agruras de uma *desterrada* da família como ela. A dedicação de Terezinha à resolução dos problemas ocorridos entre Luzia e Alexandre demonstra isso. Alexandre havia sido acusado e preso pelo roubo de gêneros alimentícios e de 200 mil réis do almoxarifado da Comissão de Socorros de Sobral, onde ele trabalhava e do qual tinha a chave. Ele era apaixonado por Luzia que, apesar da inquietação em relação aos seus sentimentos, gostava dele também. A *mulher-homem* foi a primeira a correr em defesa do rapaz, exaltando para o promotor e para o delegado o caráter *inquestionável* daquele homem. Segundo a descrição de Terezinha para Luzia, Alexandre era homem de *consideração e procedente de boa família*, o que a *mulher-homem* repetia às autoridades. Ele também tinha posses em

Crateús, mas teve que deixar suas terras por causa da seca.

Durante a narrativa, as suspeitas do roubo voltam-se contra Crapiúna, o que não impede de Alexandre continuar preso, mesmo tendo o reconhecimento de seu caráter por parte do promotor e do delegado. Terezinha desvenda o mistério, numa armadilha contra o soldado que realmente era o ardiloso culpado. Após o feito, salvando o grande amor de Luzia, de acordo com as palavras do autor, Terezinha sentiu-se enobrecida:

*E reputava-se engrandecida por essa boa ação, renovada do passado de culpas, de crimes talvez, dos quais fora responsável inconsciente e, sobretudo, a principal vítima. Entidade diminuída e inútil, flutuando sobre uma suja torrente de vícios incontinentes, sentia-se valorizada, sentia-se forte e sentia-se prestante. Duas criaturas, pelo menos, neste mundo de ingratidão, de perfídia e de miséria, seriam reconhecidas à sua dedicação* (OLÍMPIO, 1984: 82).

Aqui, chamo a atenção para diferentes aspectos da versão que a obra quer passar da vida sertaneja, principalmente no que se refere à particularidade da situação social da mulher, à relação do sertanejo com a família e à relação destes com o poder público.

### **A FAMÍLIA COMO VALOR: SOCIABILIDADE E A MULHER SERTANEJA NO INTERIOR DO CEARÁ, NO ROMANCE LUZIA-HOMEM**

Desde Gilberto Freyre, a formação da família patriarcal vem sendo analisada a partir de um modelo que ressalta a sua importância para o entendimento da formação de nossa sociedade. Autores clássicos, brasileiros e brasilianistas, como Luís Aguiar Costa Pinto, Charles Wagley, Nestor Duarte, Fernando de Azevedo, dentre outros, resguardando suas especificidades, têm como central uma noção de família patriarcal, deixando de ver outras questões e outros modelos de família.

Acontece que, ao formular este modelo, Freyre o

relativizava de acordo com o tempo e o espaço sociais tratados. Em *Casa Grande & Senzala*, ele se reporta ao período colonial, dando prioridade às peculiaridades da zona monocultora açucareira e escravocrata, em que o pater-família, dono do engenho, resumia, quase de forma única, o poder local. Já em *Sobrados & Mocambos*, fala do período final da colonização e de todo o Império, época em que o poder político da família patriarcal já estava se desgastando, entrando em cena outros agentes sociais para comporem um complexo cenário.

Para Freyre, o pater-família teria uma relação de solidariedade e de autoridade para com a mulher, o escravo, os agregados, a Igreja e a própria representação do Estado na região, na época do Brasil colonial. Segundo este autor, a matriz da formação brasileira vem de uma sociedade quase feudal, baseada no latifúndio, na monocultura e na escravidão, o que possibilita a existência de um sistema patriarcal.

O termo “quase” denota uma peculiaridade metodológica de Freyre que, mais do que ressaltar esquemas fechados de análise, quer fazer transparecer, em sua narrativa da formação brasileira, uma realidade em movimento com seus traços regionais característicos. Neste sentido, a nossa formação, que inicialmente tem a família patriarcal como base, só pode ser entendida historicamente, levando-se em consideração as diferenças regionais e os contatos sociais entre grupos distintos, assim como com estrangeiros – contato não só comercial ou político ou ainda social, mas também sexual e íntimo.

O livro *Sobrados & Mocambos* introduz a mudança e o movimento da urbanização, do ciclo do ouro, da vinda da corte para o Brasil e da constituição do Império, favorecendo novas ambigüidades e outros antagonismos, criando um novo processo civilizatório que tende à *europização* do branco no sobrado e a *reafricanização* do negro no mocambo. O mulato, produzido por nossa história social, constrói um movimento plástico, no qual se africaniza no mocambo e se europeiza no sobrado, repondo, na interpretação do autor, a tendência para a construção de uma *harmonia* entre os contrários que passam por um processo de mestiçagem extremamente imperfeita, econômica e politicamente, tendência esta já presente no período colonial, mas que ganha maior

visibilidade no Império.

A mulher, principalmente as negras e as mulatas, apesar das mudanças históricas apontadas em *Sobrados & Mocambos*, ainda desempenha, nesta obra, um papel fundamental. Como cozinheiras, amas-de-leite ou mucamas trazem, para o sobrado, as histórias do mocambo, amenizando o antagonismo sem dissipá-lo totalmente; isto acontecia já na colônia. Segundo o autor, no contexto das relações escravocratas, a mulher branca ocupava a segunda posição de mando na hierarquia, o que podia variar em cada região ou situação. Ela não se incomodava quando a escrava ensinava as primeiras palavras ao filho do senhor, ao amamentá-lo e, depois, adolescente, permitia carícias sexuais. Muitas dessas escravas serviam ao senhor sexualmente, gerando mulatos que em muitos casos eram reconhecidos como filhos.

Dentre outras críticas que possam ser feitas ao trabalho de Freyre, este modelo de família patriarcal e o papel que a mulher ocupa em tal contexto eram bem visíveis no litoral, perto dos grandes centros econômicos na colônia, mantendo-se durante o Império em menores proporções em algumas regiões. A família do sertão, principalmente a de retirantes pobres da região onde predominava a economia da pecuária, como aquelas que chegavam a Sobral no romance *Luzia-homem*, resguarda peculiaridades que talvez sirvam para situá-la em outro contexto, acrescentando novos feixes de relações. O romance, narra uma realidade que sofre fortes influências da migração e do processo de miserabilidade decorrente da seca. Famílias são refeitas e indivíduos são desterrados, de acordo com atitudes que servem de confirmação social para julgamentos, condenações e absolvições.

Não se quer dizer que o modelo de família patriarcal não seja mais útil. Muito pelo contrário. Ele continua importante. Toda uma série de formas de relações sociais e de valores culturais constituídos no contexto do poder dominante da família patriarcal no período colonial ainda se faz presente no Império e nos influencia até os dias de hoje, como honra, proteção, relações de compadrio, prestígio político, dentre outros. Por exemplo, quando o autor fala, na trama, da intervenção no poder público por parte do coronel Manoel Fernandes, pai de Bentinho, para proteger seu filho das garras da justiça, mostra, aí, a

força do mandatário de uma família local diante do Estado, definindo os rumos que aquela investigação deve tomar, sem falar da importância da endogamia familiar nos casamentos, pois Bentinho casa-se com uma prima. Mas, não podemos centrar atenção só nisso. O romance mostra nuances e peculiaridades que podem complexificar este modelo.

Costa Pinto (1949) chega a analisar o nordeste pastoril, tendo como foco central a questão da vingança privada e o seu uso, enquanto forma de constituição da solidariedade familiar. Porém, ele constrói seus argumentos anunciando a sobreposição de uma solidariedade familiar ao Estado – este último viria a ser quase inexistente. Além disso, ele está falando de famílias com prestígio social, econômico e político. Nestor Duarte (1966) segue um pouco a mesma lógica, ao contrapor a organização com base familiar ao Estado, apontando o apoio ao modelo de Estado brasileiro em *Casa Grande & Senzala*. A idéia que passa é a de que haveria uma forma pura de estado nacional que, por uma questão de princípio, teria que servir como modelo para substituir um tipo de solidariedade familiar marcante no Império. Queiroz (1976) demonstra que, pelo menos no sistema eleitoral, esta conformação no campo político de base familiar teve continuidade, mesmo após a proclamação da República, na qual ela percebe a existência de feudos políticos municipais que transmitiam o poder como herança, sendo que os mandatários locais conseguiam eleger parentes, o que englobava aliados, apaniguados e protegidos.

O fato é que as muitas noções da relação entre as famílias e o poder público que compõem o cenário do sertão nordestino, da pecuária, entrelaçam-se de tal forma que fica difícil entendê-las somente pelo registro de relações localizadas ou pelas suas formas de controle social, como quer Costa Pinto (1949). Marques (2002), ao analisar o sertão pernambucano da pecuária, sugere que, mesmo ao examinar as grandes questões e as intrigas, percebe um feixe de relações, as quais são muito mais complexas do que uma simples contraposição dualista entre duas famílias, que levam o poder público a reboque ou o usam da maneira como querem – isto apesar de a questão e a intriga serem apresentadas desta forma. Além disso, os indivíduos que se identificam com um

nome de família não estão todos eles envolvidos nas questões, assim como aqueles que estão envolvidos ou se interessam pelo conflito encontram-se em outros municípios.

No caso da rede social composta no livro *Luzia-homem*, fica mais complicado, ainda, compreender a família sertaneja tendo como foco as vinganças, as questões e as intrigas, porque o ponto de convergência fundamental não é este, apesar de aparecer no romance. A família que surge no livro, no que pese resguardar características abordadas por todos esses autores que estabelecem uma relação entre solidariedade familiar, privada, e vida pública – esta entendida como mais ampla que o restritamente estatal ou o governo – é composta por pessoas pobres que migraram para uma cidade mais rica, em busca de uma vida melhor. Talvez, se possa entendê-las como dimensão de uma rede social mais ampla que, inclusive, serve para compreender a relação entre pobres, família, migrantes e o poder público, além de auxiliar na reflexão sobre a condição social da mulher em tais relações.

É uma constante os personagens fazerem referência à família para justificarem qualquer atitude, conduta, comportamento e conceito moral, por mais individual que estes possam emergir da narrativa. Tudo se resume a ter uma família, o que condiciona um reconhecimento social por parte do grupo de relação do indivíduo, ou ser um desterrado, um perdido, o que é mais grave quando diz respeito à condição social da mulher. A personagem Terezinha é exemplar neste sentido. A condição de fuga a pôs em uma situação de morte social para a sua família. Ela própria, de certa forma, incorpora e expressa este sentimento. Ter consideração, ser honesta, ser honrada são qualificações atribuídas às pessoas, e ganham força quando referidas à origem familiar. Se um indivíduo, principalmente mulher, é desterrado, vira “qualquer um” ou é um desclassificado socialmente, tornando-se alvo de desconfiança para todos. O fato de ficar longe da família é trágico, principalmente para a mulher. Terezinha ressalta todo o seu drama, contando a própria história de vida cheia de fugas, conflitos e problemas emocionais ocasionados por sua saída de casa. O fato de ajudar Luzia parece diluir um pouco o seu sofrimento por ser uma desterrada, pois o tipo de

relação quase familiar com a mulher-homem parece compensar seu sofrimento. No romance, a condição social de aceitação ou não no seio da família cabe ao homem ou ao pater-família.

Diante disso, a “proteção” que a família exerce não pode ser entendida somente no sentido político. Este termo é usualmente empregado no texto com o sentido de abrigo, amparo, auxílio, socorro ou cuidado que se toma em relação à fortuna ou com base nos interesses envolvidos em um determinado evento. Ao mesmo tempo, significa auxílio, favor, privilégio concedido. A pessoa que protege se torna responsável pela conduta do “protegido” que, por outro lado, tem que honrar essa proteção, e fica obrigado a retribuir, seja na forma de fidelidade, seja de outra maneira, quando a necessidade aparecer. A proteção, portanto, é fundamentalmente moral.

Abreu Filho (1982), em pesquisa na cidade de Araxá, no Triângulo Mineiro, percebe que no contexto do sistema das relações de parentesco apresentado por suas fontes, a família – na categoria nome de família – tem uma série de implicações que remetem à situação social, moral e íntima dos indivíduos. Ele chama a atenção para o fato de que, na situação social que analisa, a partir do momento em que um determinado indivíduo sabe o nome de família do outro, ele anuncia, de antemão, o seu reconhecimento do outro, do ponto de vista social, moral e até íntimo; ou seja, não precisa mais de nenhuma informação sobre a conduta individual, pois a conduta familiar já diz quem é a pessoa.

No romance, pode-se fazer uma analogia analítica neste sentido. Ali, a família é constantemente anunciada como um marco para transformar um indivíduo qualquer em pessoa. A defesa de Alexandre, por parte de Luzia, é exemplar, pois ser procedente de “boa família” é anunciado como um atributo ou dote que imprime qualidade pessoal. A família, portanto, pessoaliza o indivíduo, exprimindo um modelo de virtude moral. Além disso, como se não bastasse a origem familiar como identificador da personalidade, o fato de ser trabalhador e ter tido “posses” em Crateús, apesar da perda desses bens, reforça o seu caráter. Assim, o que está em jogo não é só a procedência familiar, mas também a sua confirmação através do trabalho. Estes dois aspectos, no caso do homem, dão

um cunho distintivo ao indivíduo; anunciam um feito moral ou uma índole referente à expressão ajustada e à honradez.

Quando se trata de personagem feminino, e o exemplo de Terezinha é sintomático, a honra está ligada à conduta amorosa, sexual, portanto, moral; não quanto ao trabalho propriamente, mas no sentido doméstico. O casamento ou o tipo de aliança social e íntima com homens passa a ser o foco de atenção, na conduta social da mulher. Caso a família avalie essa conduta como improcedente nas suas relações íntimas, a mulher pode ser desterrada e banida, seja qual for o seu tipo de relação com os consangüíneos. Ao pai cabe a decisão. Dessa forma, a confirmação social da procedência familiar passa a ser distinta, se comparada ao caso do homem.

Quando se pensa o caso de Luzia, outras questões, além destas, aparecem. A sua família é anunciada como se estivesse resumida à mãe doente. Porém, em vários momentos, há indícios de ser mais ampla, no que se refere à afinidade, dependendo do contexto. Como já foi dito, as origens familiar e espacial, principalmente, parecem ser o fundamento da pessoa. No entanto, no evento da defesa da honra de Alexandre, o promotor que cuidava do caso do roubo do almorçado da Comissão de Socorros inquiriu Luzia sobre a sua própria honra. Assim, parece estar implícito, na postura do promotor, que, para defender uma pessoa honrada, ela também teria que ser honrada. Nesse sentido, Luzia responde que não é desterrada da família e nem qualquer uma: “– Eu me chamo Luzia Maria da Conceição. Sou filha do Ipu. Meu pai, que Deus haja, era vaqueiro das Ipueiras do Major Pedro Ribeiro [...] Está ouvindo, seu doutor?” (OLÍMPIO, 1983: 28).

Falar sobre sua família e localizá-la em um feixe de relações mais amplo e prestigioso, como o fato de lembrar que seu pai trabalhava para o Major Pedro Ribeiro, ajuda a situá-la entre as pessoas de honra. Além disso, lembra do pai que já morreu e de sua mãe, o que reforça uma postura que a torna parte de um mapa moral em que a sua posição está bem definida. O pai trabalhava, o que lhe confere uma aura de responsabilidade reverberada na moral da filha; e não trabalha para qualquer um, mas para uma pessoa de prestígio social, na sua região de origem.

Uma multidão acompanhava o rompante de Luzia ao defender Alexandre, tornando público o ato que parecia ser privado. Todos participavam, principalmente para condená-la por sua atitude que, para eles, parecia menos nobre do que suprir as necessidades de todos os que ali estavam para receber os donativos da Comissão, o que ficou comprometido por causa da confusão do roubo.

O fato de ser chamada de Luzia-homem intrigava o promotor que lhe perguntou a respeito dessa alcunha. E, mais uma vez, a memória do pai foi lembrada quando ela respondeu:

*– Eu lhe digo, seu doutor. Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pai no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedores e cacimbas; vaquejava a cavalo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encoirada, quando já era moça demais, ali por obra dos dezoito anos. Muita gente me tomava por homem de verdade. Depois meu pai, coitadinho, que era forte como um touro, e matava um bode taludo com um murro no cabeloiro, morreu de moléstias, que apanhou na influência da ambição de melhorar de sorte, na cavação de ouro no riacho do Juré. Daí em diante, começamos a desandar. Minha mãe, sempre muito doente, e nós duas muito pobres de tudo, menos da graça de Deus, vendemos as miúças e cabeças de gado, que tiramos à sorte da produção da fazenda, os animais de campo e até o meu cavalo castanho-escuro, calçado dos quatro pés e com uma estrela na testa... o meu querido Temporal... Tudo isso para não morrermos de fome quando veio esta seca... (OLÍMPIO, 1983: 28).*

O nome do pai, aqui, serve para localizar e justificar as suas condutas. Mesmo antes da morte do geni-

tor, Luzia ocupa espaços muito pouco convencionais para uma mulher sertaneja, e justifica isso através do tipo de trabalho que fazia junto com ele. Com o seu falecimento, recebe de herança as qualificações atribuídas a ela quanto a comportamentos masculinizados, agora mais enfatizadas. De certa forma, Luzia teve que substituir socialmente o pai, dando sustento à família com o próprio trabalho, o que não era suficiente devido à sua condição de mulher. A idéia de ser o homem aquele que sustenta a casa é marcante nas biografias femininas apresentadas no texto.

Luzia parece não confirmar esta lógica, incorporando indicadores sociais de honraria, geralmente atribuídos ao homem em função do trabalho. Este aspecto, dentre outros, como a força que tem, por exemplo, confunde as pessoas: alguns mostram estranheza, outros simplesmente a desprezam e outros se apaixonam por ela, como é o caso de Crapiúna. Sua imagem perante as pessoas ganha uma grandeza desmedida que varia de desumana a feia, portentosa, prodigiosa e até bela, apesar de sempre assombrosa. Isto parece justificar a alcunha de Luzia-homem. É uma mulher “meio homem”, como classificam os seus pares.

Em outro contexto, quando resolve migrar na direção da praia para curar sua mãe, fugir de Capriúna e de seu possível envolvimento com Alexandre, lembra da gente do seu padrinho José Frederico, que era rico e bom para os pobres e com quem ela poderia contar para proteção e amparo. O protetor surge, mais uma vez com força, neste momento. É uma pessoa que não faz parte de seu grupo familiar consanguíneo, mas tem a prerrogativa de protetor firmada pelas relações de compadrio. São os vínculos de afinidade que funcionam, ali, ampliando e complexificando os laços entre os sertanejos.

Willems (1954), ao analisar famílias pobres de pequenas propriedades rurais, afirma a existência de pouca solidariedade nos moldes da estrutura das famílias mais ricas. Em *Luzia-homem*, ao contrário, mesmo em condições adversas, os indivíduos pertencentes a classes sociais menos favorecidas economicamente – através de seus parentes consanguíneos, das relações de compadrio, assim como da afinidade eletiva entre integrantes de um grupo de parentes – conseguem constituir uma rede de relações que vai

além do local de moradia e atravessa classes sociais distintas da sua. Neste sentido, conforme a narrativa, não podemos entender as ligações entre as classes sociais no sertão somente por meio do registro do dominante, muito menos resumir sua análise na relação entre dominantes e dominados, o que não deixa de ser importante, mas não é suficiente. Isto porque tal tipo de relação pode ser visto de outra forma. Ou seja, as pessoas que compõem famílias, sejam estas formadas por vínculos consangüíneos, sejam constituídas ou complementadas por relações de afinidade, devem ser entendidas também como agentes que constroem – dependendo dos contextos temporal e espacial e dispondo dos instrumentos que têm em mãos – uma rede de relações que visa a sustentá-las socialmente. Essas pessoas não podem ser tomadas somente como passivas diante do poder de um grupo social dominante. Muitas vezes, elas usam o poder daqueles que têm prestígio, geralmente ancorados em um nome de família ou em uma origem familiar, no trabalho e na conduta moral íntima que lhes confere honestidade, assim como outros elementos, até mesmo sobrenaturais ou espirituais, para se sobreporem e continuarem a viver.

Um exemplo do uso do sobrenatural para vencer as adversidades é a astúcia de Luzia, auxiliada por Terezinha, na tentativa de livrar Alexandre da prisão; ali, tudo é válido. Ambas, através dos dotes de Rosa Veado que, como diz Terezinha, faz a adivinhação da urupema e sabe rezar o respônsio de Santo Antônio, acreditam ter ajudado a resolver a questão. Para isso, Luzia teve a idéia de vender o seu cabelo ao promotor para que sua esposa Matilde pudesse usar como peruca, visando conseguir dinheiro para pagar a adivinhação. Matilde, entendendo que ajudaria a moça aflita, aceitou comprá-lo, desde que Luzia não o tirasse de sua própria cabeça.

Neste caso, não me parece que o registro das relações de dominação seja suficiente para compreender a trama. Naquele ato, Matilde e Luzia firmaram um compromisso, de acordo com o qual uma ficaria devendo algo à outra. Além do aspecto econômico, a reciprocidade estabelecida entre as duas mulheres pode ser entendida como moral, pois fica subentendido na conduta de ambas que o compromisso foi firmado envolvendo partes iguais, pois cada uma doa

uma parcela do que possui para a outra, como favor. Enquanto Luzia concede a graça de preservar o seu cabelo para que venha a ser de Matilde, esta oferece o recurso financeiro necessário para Luzia. Portanto, de acordo com o texto, a atitude de Matilde não pode ser entendida como uma ciência do manejo das pessoas através do dinheiro. A idéia da narrativa é mostrar um contrato entre subjetividades, o que minimamente demonstra estima, apreço e consideração mútuos.

Com relação ao recurso adotado, de pedir auxílio à rezadeira, este fato nos leva a entender que os sertanejos daquela região, migrantes e pobres, com astúcia e com os recursos de que dispõem, encontram formas de se sobreporem às adversidades. Alguns analistas distraídos poderiam ficar tentados a interpretar o fato como credence popular ou algo parecido. Só que o conceito de crença parece insuficiente neste caso, justamente porque as duas mulheres não acreditavam nas rezas de Rosa Veado, mas tinham que mobilizar todos os recursos possíveis para salvar Alexandre. A lógica implícita nesta prática é a de que “eu não acredito, mas não custa nada tentar”. Não sabiam se iam ajudar, mas deveriam tentar. O fato é que, por acaso ou por ajuda de Santo Antônio, Terezinha conseguiu resolver o mistério. Para elas, independente de crer ou não, era o que tinha de ser feito. A reputação de Alexandre precisava ser lavada a qualquer custo.

Tal reputação não pode ser entendida somente no âmbito pessoal, mas, de uma forma bem mais ampla; levando em consideração o parentesco, o nome de família, a relação de compadre, o apadrinhamento e a proteção. Aqui, já vimos vários exemplos em que estas categorias são fundamentais para situar os indivíduos em um esquema de enquadramento social, compondo um mapa meio disperso territorialmente, por causa da origem migrante dos indivíduos, mas conciso do ponto de vista moral. Como já foi dito, as boas e as más pessoas são socialmente classificadas de acordo com a região de origem e as relações familiares, sejam elas consangüíneas, sejam elas por consideração. Isso porque as categorias de compadrio e proteção, apesar de muitas vezes se darem no contexto da família extensa consangüínea, são também realizadas com pessoas “de consideração”, quer por conta de seu prestígio socioeconômico, quer por seu nome. Isto se deve ao fato de algumas pessoas sem parentesco

consangüíneo usarem das relações de compadrio para se situarem no seio de uma família com maior prestígio político ou econômico.

Comerford (2001) encontra uma situação parecida, em Minas Gerais, em um sistema de classificações com bases familiares e de reputação. Lá, assim como no relato de Domingos Olímpio, os indivíduos compõem um mapa pautado em um sistema social relacionado às reputações que, por sua vez, ganha visibilidade, situando-os em um conjunto mais amplo de relações, fundado no pertencimento familiar e regional. Como observa Comerford (2001), a reputação ou a fama não é centrada em juízos de valor referentes a indivíduos, mas a um conjunto de indivíduos ou à família, que serve de modelo no julgamento de indivíduos. A diferença, comparando-se ao romance, diz respeito ao fato de que Domingos Olímpio está falando de membros ou agregados, ou, ainda, de protegidos de famílias dispersas em um grande território por conta da migração. Mesmo assim, apesar da distância, essas noções ganham operacionalidade marcante na narrativa dos acontecimentos expostos no romance.

No caso de Alexandre, por exemplo, que veio de Crateús, cidade distante de Sobral, o poder público – representado pelo delegado e pelo promotor de justiça – reconhece que ele é uma pessoa “de consideração” e procedente de “boa família”, portanto, uma pessoa honrada, e que sua origem não nega isso. Porém, pautados em critérios objetivos ou em fatos, como o de que só ele tinha a chave do almoxarifado e, dessa forma, só ele poderia entrar lá, deixaram o rapaz preso enquanto não se provasse o contrário. O problema é que tais critérios racionais e objetivos entravam em tensão com o caráter, a reputação, a boa procedência, a boa origem e a honra de Alexandre, o que fazia com que desconfiassem da sua “inocência”.

Quanto ao promotor e ao delegado, está claro que – tendo como base as reflexões de Comerford (2001), os agentes que exercem atividades de cunho público,<sup>5</sup> ou seja, pessoas que fazem parte de instituições que visam atender à população em geral nas suas necessidades, principalmente as assistenciais e jurídicas –, apesar da sua formação letrada exigir aparência e formalidade em suas atuações, eles não conseguem fugir completamente das dinâmicas informais da sociabilidade cotidiana. Existe, em relação ao personagem Alexandre, uma tensão entre o racional

ou fático, e o informal ou moral; não no sentido de implementar um movimento de substituição de um tipo de ordenamento por outro, mas no sentido de relação ou operação que determina a agregação ou a conexão entre as duas dimensões, correspondendo a um único conjunto. Não dá para dividir uma atuação imparcial, pressuposta na prática do promotor e do delegado, e uma tomada de posição pautada em juízos subjetivos de valor. O caráter de Alexandre não deixava dúvida quanto à necessidade de maiores investigações sobre o caso. Por outro lado, o caráter do outro suspeito, Crapiúna, indicava a forte possibilidade de ser ele o culpado, apesar de não haver provas materiais para isso.

Como chama a atenção Marques (2002), a fama é uma qualidade que se aplica a indivíduos que adotam condutas que se supõem regulares, gerando expectativas no sentido de fazerem com que seus comportamentos correspondam à fama que possuem, o que complementa a idéia de procedência familiar, como relatamos anteriormente. Para a autora, este é um conceito que faz parte de um diálogo social voltado para o *outro* e, ao mesmo tempo, criado pelo *outro*, com base em certos estímulos que o portador oferece. As fofocas são fundamentais neste sentido. Elas auxiliam no processo de conhecimento e reconhecimento sociais, fazendo os indivíduos serem conhecidos, dizendo “quem é quem”. Elas reforçam e, ao mesmo tempo, renovam os laços de sociabilidade (ELIAS, 2000). As fofocas não têm tempo nem lugar certo de acontecerem – apesar de em determinados momentos e em certos lugares não ser conveniente falar da vida dos outros – e aparecem quando a ocasião permite. No caso da transferência de Crapiúna, por causa da queixa de Luzia contra o soldado que a importunara, a fofoca acaba desenhando a sua personalidade. Como conta o próprio autor:

*E surdiam histórias de crimes, anedotas grotescas, revelação de casos repugnantes, verdadeiros ou inventados pela fantasia do populacho nos excessos de saborear a vingança, denegrindo-lhe a reputação e deturpando-o para transformá-lo de pelintra quente e apaixonado, em reles monstro horripilante (OLÍMPIO, 1983:6).*

O que parecia uma situação estritamente particular passa a ser de domínio público, e as pessoas começam a ser reconhecidas pela fama que a fofoca ajuda a disseminar. Luzia também foi alvo deste tipo de controle social formado por uma rede de observação e constituição de fama. O caso dela é exemplar por demonstrar uma certa mobilidade da fama. O romance vai revelando, no decorrer da trama, que a fama de Luzia vai evoluindo de uma caracterização masculinizada para outra mais feminina. Antes de se tornar pública sua paixão por Alexandre, a sua fama era de mulher-macho, “meio esquisita”, “quase homem”. Depois de vir à tona o seu amor pelo jovem preso, as pessoas passam a olhá-la de outra forma, como “mais feminina”. As atitudes também demonstram isso. Prestam mais atenção aos cuidados que ela tem para com a mãe, ao seu jeito de tratar Alexandre, e vêem nela atributos mais suaves. Quando Luzia quer voltar ao trabalho pesado, não deixam e dão a ela a coordenação das costureiras.

Como já destacamos, a mulher também incorpora, nesse contexto, a idéia de precisar ter uma “boa origem”, acrescentando uma dimensão mais geral à questão de como deve se comportar uma mulher. Terezinha vivia esse dilema constantemente, querendo sempre encontrar uma forma de se agregar a um grupo familiar, tendo em vista reparar o pecado que cometera no passado, ao abandonar sua família. Para o pai, Terezinha era uma filha ingrata, perdida e, por esse motivo, estava morta. Não valia mais a pena considerá-la como filha. Isso fez com que ela reconhecesse seu pecado e, de qualquer modo, procurasse amenizar o mal praticado, apesar de reconhecer que estava para sempre sem rumo, privada do que seria o mais importante para si, no momento do reconhecimento de sua falta: a companhia e a proteção familiar. Terezinha, ao ajudar Luzia, tinha como objetivo ser reconhecida como da família. Ao encontrar seus parentes, tenta em vão recuperar suas raízes. O fato de se submeter a tratar do burro doente – entendido por ela como uma pena a ser cumprida por seu crime – pode também ser interpretado como uma forma de inclusão no meio familiar, pois o animal era tido como parte integrante do grupo consanguíneo.

Já Luzia procura apresentar uma imagem de integridade, retidão e castidade, porém de forma a

causar espanto aos que estão ao seu redor, por causa de sua personalidade fechada e grande força física. Ela mostra ser uma mulher honrada ao não se deixar levar por Crapiúna, acionando o confirmador social da virtude moral íntima. O cumprimento, em excesso, das tarefas diárias servia-lhe como válvula de escape para as refutações de sua idoneidade. A própria relação com Alexandre quase não acontece diante dos dilemas existenciais por ela vividos. Apesar disso, inveja Terezinha pelas aventuras experimentadas e por ter tido a coragem de nutrir sua grande paixão, sem ligar para as convenções, sem incluir nesta reflexão o arrependimento da amiga.

O romance deixa a impressão de que a mulher sofre uma maior pressão no sentido de ser obrigada a encontrar no seio da família a proteção. A mulher que não tem um vínculo familiar é uma perdida. O autor nos sugere que a condição da mulher migrante e sertaneja faz com que ela tenha que buscar recursos considerados não-femininos para superar a pressão que a obriga a ser submissa a um homem de família. Assim, Luzia teria que se tornar um “quase homem” para isso. Só se liberta da sua marca masculina quando se apaixona por Alexandre e resolve morar com ele, a mãe, Terezinha e sua família na serra da Meruóca,<sup>6</sup> no final da história.

O desfecho da trama, que parecia caminhar para um final feliz, é trágico, no entanto. Crapiúna consegue fugir da prisão e emboscar Terezinha, deixando Luzia mortalmente ferida no caminho para Meruóca. A mulher-homem ainda consegue arrancar os olhos do soldado, ferindo-o gravemente. O autor, ao deixar o leitor chocado, força-o, de certa maneira, a condenar o que há de mau e criminoso na vida de quem mora no sertão.

## NOTAS

<sup>1</sup> No ano de 1831, foi criada pelo Império brasileiro a Guarda Nacional, na qual os chefes políticos locais mais destacados de cada região ocupavam os cargos mais prestigiosos (QUEIROZ, 1976). Geralmente, esses cargos eram concedidos aos donos de grandes fazendas, que tinham maior influência na administração pública. A patente de coronel, habitualmente, é associada ao mandatário de mais prestígio. Porém, Domingos Olímpio, ao longo do romance, cita vários casos em que o prestígio é arrogado também ao “capitão”.

<sup>2</sup> Domingos Olímpio era natural da cidade de Sobral, nascido a 8 de setembro de 1850, e integrante de família abastada. Termina o curso preparatório e entra para a Faculdade de Direito, em Recife. Entre 1873 e 1878, ocupa o cargo de promotor público, em Sobral. Nesta cidade, participa da elaboração do Código de Posturas do Município, no ano de 1876. Avesso à política local, migra para o Pará, em 1878. Lá, se torna redator do *Diário do Grão Pará* (juntamente com José Veríssimo), e do jornal *Província*. Continua exercendo atividades como advogado. Foi eleito para a Assembléia Provincial do Pará. Em 1890, passa a morar no Rio de Janeiro, onde advoga e escreve para os jornais *O País*, *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *Correio Mercantil* e *do Comércio*. O romance *Luzia-homem*, de 1903, e outros publicados por ele levam-no a concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, em 1905; porém, é derrotado por Mário de Alencar. Em 1906, morre no Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Em frente à cadeia pública da cidade de Sobral, foi erguido, em 1973, um monumento que lembra a heroína do romance.

<sup>4</sup> Denominação pela qual é conhecida a varíola.

<sup>5</sup> No caso de Comerford, ele analisa lideranças sindicais rurais.

<sup>6</sup> Serra localizada a 15 km da cidade de Sobral.

Janeiro: Editora Livraria José Olímpio.

FREYRE, Gilberto. (1936). *Sobrados & Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olímpio.

MARQUES, Ana Cláudia. (2002). *Intrigas e Questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

OLÍMPIO, Domingos. (1983). *Luzia-homem*. Versão eletrônica disponível no site [www.bibvirt.futuro.usp.br](http://www.bibvirt.futuro.usp.br), baseado na 9ª edição, São Paulo: Ática.

OLIVEIRA, Ricardo de. (2002). “Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo”. In: *Revista Brasileira de História*. v. 22, n. 44, São Paulo.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. (1976). *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Ômega.

WILLEMS, Emílio. 1953. The structure of the brasilien family. In.: *Social Forces* 31. n° 4, p. 339-345.

Biografia e estilo de Domingos Olímpio: disponível no site [www.folhetim.com.br](http://www.folhetim.com.br).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Ovídio de. (1982). “Parentesco e identidade social”. In: *Anuário Antropológico* / 80. Rio de Janeiro / Fortaleza: Tempo Brasileiro / Editora da UFC, p. 95-118.

COMERFORD, John. (2001). “Como uma família”: sociabilidade, reputações e territórios de parentesco na construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA PINTO, Luís Aguiar. (1949). *Lutas de família no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

CUNHA, Euclides da. (1984). *Os Sertões*. São Paulo: Três.

DUARTE, Nestor. (1966). *A ordem privada e a organização política nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ELIAS, Norbert. (2000). “Observações sobre a fofoca”. In: *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 121-133.

FREYRE, Gilberto. (1973). *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de